



ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS, CONSTRUINDO POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM: A EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM PEDAGOGIA NA MODALIDADE EAD NA REALIZAÇÃO DO PIBID

Natália Garcia da Silva Assis ¹
Henrique Dias Sobral Silva ²

RESUMO

A presente pesquisa investiga as interações e experiências de graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade da Educação a Distância (EaD), vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em Minas Gerais. O objetivo é compreender como essas pibidianas mobilizam saberes construídos na EaD e os ressignificam nas práticas presenciais realizadas em escolas públicas da região do Vale do Aço. Com a ampliação da inserção de cursos EaD no PIBID, torna-se relevante analisar como essas experiências têm contribuído para o fortalecimento da formação inicial docente nesse formato. A metodologia adotada é qualitativa, com aplicação de questionários semi estruturados junto às bolsistas da EaD e por meio de entrevistas com as professoras supervisoras, buscando identificar percepções, desafios e estratégias envolvidas nessa articulação entre ensino a distância e prática pedagógica presencial. Teoricamente, o estudo dialoga com produções que abordam a formação de professores na EaD e o papel do PIBID nesse processo, contribuindo para o enfrentamento de estigmas e a valorização dessa modalidade. Os dados parciais revelam aproximações e tensões entre os dois contextos formativos, evidenciando a relevância do PIBID na vivência prática, na construção do conhecimento docente e na superação de limitações percebidas na EaD. A articulação entre teoria e prática, mesmo em formatos distintos, reforça a potência do programa para a formação inicial de licenciadas em Pedagogia.

Palavras-chave: Educação a Distância, Formação de professores, Licenciatura em Pedagogia.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga as interações e experiências de graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade da Educação a Distância (EaD), vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em um centro

¹ Graduanda do Curso de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário - UNIÚNICA, nataliagarcia.s@outlook.com;

² Professor universitário do curso de Pedagogia e coordenador de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Centro Universitário - UNIÚNICA, ciencias.sociais1@uniunica.edu.br;





universitário privado no Estado de Minas Gerais. O estudo tem como objetivo compreender de que maneira os pibidianos mobilizam os saberes construídos no percurso formativo em EaD e os ressignificam nas práticas pedagógicas presenciais realizadas em duas escolas públicas na região do Vale do Aço.

A expansão da EaD no Brasil tem provocado debates intensos em torno da qualidade da formação inicial docente nesse formato. Sabe-se que a expansão das vagas em cursos de graduação em tal modalidade tem sido importante para o acesso, em especial das classes populares ao ensino superior, entretanto, a qualidade dessa oferta ainda demanda uma atenção e averiguação mais consistente por parte dos setores de avaliação do Ministério da Educação.

Decorre dessas experiências pouco atentas à uma formação de qualidade, o crescimento de discurso críticos que expõem instituições, mas que tem como efeito colateral, a elevação de preconceitos com a modalidade, sendo ela associada a uma aprendizagem superficial ou pouco engajada em termos teórico-metodológicos e práticos. Assim sendo, um dos primeiros esforços desse texto é demarcar a necessidade de separar as potencialidades da EaD das inúmeras vagas que instituições públicas e privadas têm oferecido em meios virtuais, com mais ou menos qualidade.

Recobrando o antigo ditado “É necessário separar o joio do trigo”, realizamos aqui um convite a superação de olhares reducionistas, pois os mesmos desconsideram a complexidade das experiências formativas que podem ser construídas na EaD, especialmente quando associadas a programas de inserção prática, como o PIBID. Nesse contexto, torna-se relevante investigar como a participação em iniciativas dessa natureza tem potencializado o processo de formação de licenciandos em Pedagogia na modalidade EaD, abrindo novas possibilidades de ensino, aprendizagem e pesquisa.

Este estudo é desenvolvido pelo coordenador de área da Instituição de Ensino Superior, e tem como coautora uma das bolsistas do PIBID, tendo sido esse esforço científico abraçado em conjunto pelos demais pibidianos. Assim sendo, em termos metodológicos, a pesquisa se desenvolve por meio de uma abordagem qualitativa, com a aplicação de questionários semi estruturados junto aos pibidianos, totalizando 16 estudantes e entrevistas com três professoras supervisoras.

O questionário aplicado às bolsistas foi composto por 14 questões, que contemplaram aspectos como perfil sociodemográfico, motivações para ingresso no programa, relações estabelecidas com supervisoras e estudantes da escola, desafios enfrentados, percepções sobre a modalidade EaD, articulação entre teoria e prática e impactos do PIBID na formação acadêmica. Com esse instrumento de pesquisa, nossa intenção foi nos aproximarmos das





impressões, reflexões e ideias dos pibidianos sobre estudar na EAD, atuar no PIBID e o impacto dessas vivências em suas trajetórias.

Por outra parte, as entrevistas com as professoras supervisoras foram conduzidas a partir de roteiro específico, complementando os dados obtidos nos questionários e possibilitando uma análise mais ampla sobre os efeitos do programa em articulação com a EaD e a prática do pedagogo na Educação Básica. Destaca-se que nesse texto, serão problematizadas informações sobre os modos como essas educadoras lidam com o eixo “Relação com o PIBID” destacando a inserção das mesmas no programa, os desafios, limitações e suas formas de impacto profissional na formação dos pibidianos³.

Diante desse esforço metodológico, é de nossa intenção construir um panorama das considerações dos pibidianos em paralelo com a das supervisoras a fim de entendermos se existem possibilidades, limites e/ou comprometimentos gerados pela formação em EaD na realização do PIBID. Em meio a isso, surgem elementos como desafios, dificuldades, flexibilidade e outras formas de problematizar a vivência da formação em Pedagogia em paralelo com atuação prática e in loco em escolas no contexto do PIBID que carrega consigo uma gama de novas possibilidades de atuação e formação.

Em meio a dois formatos de aprendizagem bastante distintos, esses graduandos em Pedagogia registram suas realidades, modos de observar e de se relacionar com os espaços escolares que vão se abrindo em oportunidades e novas possibilidades de aprendizagem sobre a formação do pedagogo. Assim sendo, na sequência vamos nos dedicar a conhecer: Em primeira instância, o debate com a bibliografia especializada sobre a trajetória da EAD e do PIBID, não de uma forma tradicional e marcada por uma linha do tempo, mas sim, buscando entender os modos como essa modalidade e esse programa de iniciação à docência podem se construir, se de modos opostos ou complementares.

Em um terceiro momento, nossa análise se debruçará sobre as respostas dos questionários dos pibidianos em contraste com as impressões das professoras supervisoras entrevistadas, buscando garantir a presença de suas ideias, questões e indagações nas relações entre a formação em EaD e a experiência vivencial em termos práticos no PIBID.

Por último, nas considerações finais, iremos reunir os principais aspectos tratados ao longo do debate de modo a realizar nossa contribuição crítica e analítica sobre os modos de

³ As respostas obtidas das professoras supervisoras foram oriundas de entrevistas realizadas no âmbito do projeto de pesquisa “**A escola que a gente quer é a escola que a gente faz: Experiências de pedagogas na supervisão do PIBID**”, em desenvolvimento paralelo pelos autores. Esse estudo complementa e aprofunda as discussões aqui apresentadas, especialmente no que diz respeito às percepções docentes sobre o papel do PIBID e à integração com a modalidade EaD.





diálogo entre essas oportunidades de formação que, se para muitos podem se apresentar como antagônicas, para outros tantos, elas surgem como modos de se produzir novas oportunidades de ser e atuar enquanto pedagogo.

EAD E PIBID: SIGLAS DISTINTAS, CAMINHOS OPOSTOS OU COMPLEMENTARES?

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi instituído no Brasil em 2007, por meio da Portaria Normativa MEC-CAPES/FNDE nº 28/2007, como parte da Política Nacional de Formação de Professores. O primeiro edital do PIBID (Edital nº 01/2007) foi lançado em 2007, mas as atividades dos subprojetos aprovados começaram efetivamente em 2009, quando instituições federais de ensino superior deram início às primeiras ações (Fernandes; Lima, 2024).

Nos momentos iniciais, o programa contemplava licenciaturas nas áreas de Ciências Exatas, como Matemática, Física, Química e Biologia, além de Letras. Posteriormente, ampliou-se para cursos de Pedagogia, Artes, Educação Física e outras, à medida que mais instituições de ensino superior (IES) se integraram ao programa, buscando diversificar a formação de futuros docentes (Biscaro; Aranda, 2024). A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por exemplo, participou do primeiro edital de 2007 e, em 2009, implementou subprojetos com licenciaturas de Biologia, Física, Matemática e Química em seus campi de São Carlos e Sorocaba. Da mesma forma, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) também esteve entre as primeiras a aderir, apresentando sete subprojetos em Física, Química e Matemática, além de outras áreas (Mesquita; Quiles, 2014).

Desde sua implantação, o PIBID atua por meio de parcerias entre IES e escolas públicas de educação básica, com o objetivo de inserir licenciandos no cotidiano escolar desde os primeiros semestres do curso. Essa inserção ocorre sob supervisão conjunta: professores da universidade coordenam as ações teóricas e práticas de caráter acadêmico enquanto professores da rede pública atuam como supervisores no espaço escolar. Nessas condições, os licenciandos realizam observações, participam de oficinas e atividades didáticas, aplicam intervenções pedagógicas e refletem sobre a prática docente, promovendo a integração entre teoria e prática em torno dos desafios concretos do processo de ensino-aprendizagem (Fernandes; Lima, 2024).

Ainda em diálogo com Fernandes e Lima (2024), em uma revisão sistemática da produção científica entre 2018 e 2023, destacam que os impactos do PIBID na formação





inicial de professores, descrevem as potencialidades da imersão dos licenciandos na cultura escolar, o fortalecimento da identidade docente em construção e a consolidação da parceria entre universidade e escola. Por outro lado, apontam que cortes de investimento e instabilidades nos editais comprometeram algumas experiências pedagógicas. Em consonância, Biscaro e Aranda (2024) evidenciam, a partir de relatos de licenciados egressos, que o PIBID foi essencial para a aproximação entre teoria e prática, colaborando com a reflexão crítica sobre o exercício docente e para a formação de uma postura profissional⁴, ainda que também tenham sido identificadas fragilidades relacionadas à continuidade das ações e ao suporte institucional.

No que se refere aos modos de atuação, o PIBID se desenvolve em diversas frentes, como a observação das rotinas escolares, a elaboração de diagnósticos da realidade educativa, o planejamento e aplicação de práticas pedagógicas inovadoras, a promoção de oficinas interdisciplinares e o uso de recursos didáticos variados. Essas práticas são constantemente acompanhadas por processos reflexivos, mediados tanto por professores das IES quanto por supervisores das escolas, configurando uma experiência de formação situada e contextualizada (Gondim, 2024).

Paralelamente, a Educação a Distância (EaD) tem se expandido no Brasil, com aumento significativo da oferta, em especial de cursos de licenciatura. Essa modalidade, embora enfrente desafios relacionados à qualidade, infraestrutura tecnológica e regime de estágios, apresenta como potencialidades a flexibilidade, o uso de recursos digitais e a democratização do acesso ao ensino superior. Experiências como a do curso de Pedagogia/EaD da UFMS demonstram que, mesmo em um formato a distância, a articulação com o PIBID proporcionou aos licenciandos uma experiência prática essencial, favorecendo a reflexão crítica e diminuindo a distância entre a teoria e a realidade escolar (Mesquita; Quiles, 2014).

Dessa forma, não se trata de considerar o PIBID e a EaD como apostas concorrentes, mas como modalidades complementares. Enquanto o primeiro garante o contato direto com a realidade da educação básica, com a diversidade de estudantes e com a orientação prática, a segunda amplia o acesso à formação, proporciona flexibilidade e potencializa a reflexão teórica em ambientes virtuais de aprendizagem. Nesse sentido, a integração entre as duas

⁴ Aqui cabe um aparte, afinal, ainda não consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia e tampouco nas matrizes e currículos acadêmicos a inserção de uma ou mais disciplinas voltadas para a ética profissional na educação. Carência essa que, sem dúvidas, fragiliza a formação dos licenciandos para a atuação no espaço escolar que, muito distante de ser somente uma ação carregada de intencionalidade pedagógica, é também um espaço profissional e, por isso, demanda saberes, códigos e práticas não somente didático-pedagógicas, mas também são de ordem ética e profissional.





propostas pode ser considerada uma estratégia significativa e eficaz para a formação docente no Brasil.

Nesse percurso integrativo, registra-se a recomendação, em especial para as IES privadas e em EaD, sobre a necessidade de boas condições de infraestrutura, valorização dos professores do ensino superior e formação adequada para os envolvidos. Ademais, essas ações devem ser seguidas de planos de articulação institucional consistentes e atentos não somente a demandas mercadológicas, mas em especial a formação dos licenciandos (Biscaro; Aranda, 2024; Mesquita; Quites, 2014).

Em relatório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) é indicado, inclusive, que o fortalecimento financeiro do PIBID, com ampliação do número de bolsas e reajuste de valores, contribui para sustentar a articulação entre universidades e escolas, ampliando a escala de atuação e permitindo alcançar contextos educacionais diversos (CAPES, 2023; Fernandes; Lima, 2024). Assim, a trajetória do programa demonstra que, desde sua criação, sua proposta central sempre foi integrar teoria e prática, consolidar a identidade docente e fomentar a articulação universidade-escola. A EaD, por sua vez, contribui para democratizar e expandir o alcance dessa formação. Quando pensadas em conjunto, tais iniciativas se complementam de forma estratégica e se apresentam como caminhos promissores para o reforço da formação inicial e continuada de professores no país.

Isto posto, nessa etapa, vamos conhecer se, de fato, essa integração entre a EaD e o PIBID tem se processado na prática, para tal intento, vamos conhecer uma equipe de pibidianos e suas professoras supervisoras que atuam em duas escolas públicas da região do Vale do Aço, leste de Minas Gerais. Buscando em suas palavras, expressões e vivências conhecer as formas de integração ou não que operam na relação da EaD com o PIBID. Vejamos na sequência.

REUNINDO SUJEITOS E ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS: O QUE SURGE NOS DIÁLOGOS COM AS PIBIDIANAS E SUAS SUPERVISORAS?

Compreendida a interrelação entre o PIBID e a modalidade EaD como dimensões que se complementam e se fortalecem mutuamente, torna-se pertinente olhar para os sujeitos que dão vida a essa experiência formativa. Nessa reunião de sujeitos, somos levados a conhecer as vozes de 16 estudantes de graduação na licenciatura em Pedagogia na modalidade EaD que





atuam em duas escolas-polo do PIBID, sendo acompanhadas por duas professoras supervisoras na escola estadual A e por uma supervisora na escola B.

Em sua maioria estamos tratando de mulheres oriundas das classes trabalhadoras, em sua maioria com idades entre 20 a 39 anos (77%) e que estão cursando a primeira graduação e encontram-se nos períodos iniciais da licenciatura⁵. Esse perfil etário evoca ainda para uma maior ambiência no que se refere aos usos de tecnologias digitais que são primordiais para a execução de um curso de Ensino Superior na modalidade EaD.

Por outra parte, as professoras supervisoras serão apresentadas aqui sob os nomes de Ana (52 anos), Beatriz (51 anos) e Carolina (34 anos)⁶. Todas engajadas no projeto a partir de convite do Centro Universitário que, na ocasião, considerou as escolas A e B, como espaços múltiplos e plurais para o exercício de formação prática do PIBID. Cabe destacar que a professora Ana e a professora Carolina atuam na escola A e, a primeira é pedagoga e tem uma atuação com foco na supervisão escolar, sendo a responsável pelo turno da noite que oferta o Ensino Médio regular. Por outra parte, Carolina é professora de Artes e atua também como vice-diretora, oferecendo ao PIBID vivências paralelas de atuação no espaço escolar, na gestão e na sala de aula. Enquanto isso, na escola B, a educadora Beatriz se ocupa do Atendimento Educacional Especializado (AEE) junto a estudantes com deficiência, o que oportuniza experiências ainda mais plurais na formação dos licenciandos.

Isto posto, os pibidianos encontram-se divididos em três equipes fixas que atuam de formas paralela com base nas especificidades das atuações das educadoras. Tais experiências são periodicamente partilhadas em encontros síncronos com o coordenador institucional que discute tais vivências a partir de bibliografia prévia compartilhada.

Feita essa breve apresentação do coletivo, acreditamos em nosso esforço de pesquisa que é nas vozes das pibidianas e de suas professoras supervisoras que o sentido do programa se concretiza, revelando como a teoria e a prática se entrelaçam nas vivências cotidianas da escola. Ouvir essas vozes significa reconhecer a potência da formação que emerge do diálogo, da afetividade e da ação compartilhada, elementos esses que constituem o cerne dessas docências em construção.

⁵ A equipe conta somente com dois homens, o coordenador institucional de área e um bolsista. Até o presente momento não se observaram questões de ordem subjetiva nessa conformação de gênero biológico apesar de observações constantes por parte dos autores.

⁶ Os nomes próprios foram alterados como forma de preservar a identidade das educadoras, cumprindo assim as cláusulas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preenchido pelas mesmas previamente às entrevistas. Isto posto, os nomes atribuídos não têm qualquer relação com as mesmas ou com os demais sujeitos do coletivo do PIBID aqui estudado.





Ao analisar as vozes que surgem das entrevistas com as professoras supervisoras e das respostas dos pibidianos ao questionário, é possível perceber a força dos encontros formativos que o PIBID possibilita. Mais do que um espaço de estágio ou observação, o programa se configura como um território de trocas, aprendizagens mútuas e ressignificações identitárias, no qual a experiência na EaD encontra materialidade e sentido no contexto escolar.

Nas respostas das pibidianas, o programa aparece como uma porta de entrada para o ser docente, uma oportunidade concreta de colocar em prática os conhecimentos estudados na graduação. Termos como “vivência prática”, “crescimento profissional”, “experiência transformadora” e “aproximação da sala de aula” revelam a dimensão pedagógica e mobilizadora dessa experiência. O contato direto com a escola pública é percebido como momento de amadurecimento e de confirmação da escolha profissional, fazendo emergir sentimentos de pertencimento à docência. Cabe destacar que, em meio as respostas, destaca-se que o PIBID surge como um espaço de interação presencial enquanto a EaD é vista, por alguns respondentes como um espaço no qual ainda não há “contato presencial com os professores e colegas”, configurando-se o PIBID também como um espaço de interação, troca de experiências e sociabilidade não somente sobre a escola e suas questões, mas também como uma forma de aproximação mais estreita entre graduandos e, no limite, colegas de turma e de formação.

Sob outra escala, as professoras supervisoras Ana, Beatriz e Carolina, reforçam esse entendimento ao relatarem que a presença das pibidianas provoca renovações pedagógicas em seus fazeres dentro da escola. Segundo Carolina, o PIBID “traz vitalidade e movimento ao cotidiano escolar, tornando visível o valor da prática docente colaborativa”. Para Beatriz, a relação com as bolsistas “é uma via de mão dupla, onde quem ensina também aprende”, ressaltando a importância do diálogo intergeracional. Por sua vez, Ana destaca que o programa “reacende o sentido de ser professora”, por promover uma relação horizontal, em que a escuta, o afeto e a corresponsabilidade tornam-se centrais no processo educativo.

Em meio a positividade dos comentários, surgem também os desafios desse fazer, afinal, estamos diante de escolas e educadoras que convivem a todo tempo com uma série de desafios próprios da precarização das escolas e do trabalho docente. Na prática, as mesmas educadoras atestam os desafios de gestão do tempo e atividades com as grandes equipes do PIBID, haja vista que, por serem graduandas-trabalhadoras, muitas delas atuam somente no turno da noite. Ademais, as rotinas das escolas, constantemente pressionadas por números e indicadores do Estado de Minas Gerais e também pelo Governo Federal, muitas das vezes, fez





com que os pibidianos precisassem se engajar em forças-tarefa para expedientes burocráticos nas escolas.

Com isso, somos levados a pensar que, nessa experiência, por vezes, a precarização da profissão docente é também experimentada pelos pibidianos e, longe de ser encarada como um “desvio” ou como um prejuízo, observamos tal situação com a sensibilidade aguçada para a situação das escolas, das professoras supervisoras e, ao mesmo tempo, consideramos que esse é também um lugar a ser experienciado pelos educandos. Afinal de contas, as escolas públicas não são um lugar idílico, mas um espaço de construção e de disputa com projetos de desmonte e de adoecimento dos educadores.

Apesar disso, nas respostas do questionário dos estudantes, é recorrente a menção à relação positiva e inspiradora com as supervisoras, descritas como “maravilhosas”, “acolhedoras”, “exemplares” e “parceiras de caminhada”. Essa dimensão afetiva, longe de se opor à formação acadêmica, é percebida como uma condição pedagógica para o aprendizado significativo. Os pibidianos afirmam que a escuta atenta e o apoio das supervisoras contribuem para a construção da autoconfiança e para o enfrentamento dos desafios da sala de aula. Dessa forma, os vínculos estabelecidos assumem caráter formativo, consolidando-se como uma parceria baseada no diálogo, na empatia e no compromisso ético com a educação.

Outro aspecto recorrente nas falas diz respeito ao desafio de articular a formação em EaD com a vivência prática na escola. Os pibidianos destacam que a modalidade a distância favorece a autonomia, a flexibilidade e o autogerenciamento, mas exige disciplina e organização para conciliar as demandas do programa com a rotina pessoal. Nos relatos encontramos também a descrição de dificuldades pontuais, como ajustar horários e lidar com diferentes ritmos dos alunos, mas a maioria reconhece que o PIBID funciona como um elo entre teoria e prática, tornando a formação mais completa e contextualizada. Essa percepção encontra eco nas palavras das supervisoras, que destacam nos pibidianos uma “postura reflexiva e responsável”, fruto do perfil de autogestão desenvolvido na EaD.

Frente a isso, destacamos que a aprendizagem surge de formas múltiplas e diversas como no relato em que uma pibidiana expõe “[...] dificuldades em articular a teoria estudada na EaD com a prática na escola. [...]” pois, em suas palavras, “[...] os conteúdos apresentados nas disciplinas parecem ideais, mas na realidade da sala de aula surgem desafios como a falta de recursos, o tempo reduzido e as diferentes necessidades dos alunos.”. Esse relato é carregado de potência, pois demonstra a necessidade da universidade em agregar cada vez mais experiências práticas que sejam também expostas em termos teóricos, de modo que seja possível alcançar uma ação praxiológica sincera e real na formação dos licenciados. Na





sequência a estudante ainda conclui que, apesar dos desafios, essa vivência exigiu dela “[...] adaptar o que aprendi na teoria para a prática, buscando estratégias mais viáveis e próximas da realidade escolar.”

Os relatos evidenciam ainda o processo de construção identitária dos futuros pedagogos. Os pibidianos descrevem o programa como determinante para sua permanência e engajamento na formação, afirmando que “o PIBID me fez continuar o curso” e que “me sinto parte da escola”. Por sua vez, as supervisoras percebem o florescimento do olhar docente e o fortalecimento de uma identidade profissional pautada no compromisso social e na ética do cuidado. Nesses relatos, a docência aparece como uma escolha que se aprende e se reafirma na convivência e na prática.

Em meio a isso, não podemos desconectar essas questões de uma abordagem de matriz social, afinal, os pibidianos pertencem aos estratos populares da classe trabalhadora, parte delas inclusive, atuam como Auxiliares de Serviços de Educação Básica (ASB), Assistentes Técnicas da Educação Básica (ATB), cargos esses bastante precarizados e com baixíssimas remunerações no corpo do governo estadual. Diante disso, observar no PIBID a continuidade do curso é, a um só tempo, poder prosseguir com os estudos e, sem dúvidas, custear os mesmos com o valor da bolsa atribuída. Isto posto, é necessário demarcar a potência desse recurso para a vida e formação dessas mulheres que, com distintas histórias e trajetórias, seguem construindo o PIBID em meio a uma série de lutas e desafios da manutenção da vida.

Na sequência, as vozes aqui reunidas revelam que o PIBID, ao integrar a formação em EaD à realidade escolar, ultrapassa fronteiras formativas e institucionais. Ele se consolida como espaço de encontro entre diferentes tempos, saberes e trajetórias, onde pibidianas e supervisoras constroem juntas novas possibilidades de ser e estar na educação. O diálogo entre elas demonstra que a docência se constitui como um processo coletivo e dialógico, em que ensinar e aprender são movimentos compartilhados, permeados pela sensibilidade, escuta e ação transformadora com foco no ensino-aprendizagem.

Ao final, as narrativas dos pibidianos e de suas supervisoras evidenciam que o PIBID, aliado à modalidade EaD, constitui-se como um espaço fecundo de formação humana e docente, onde se entrelaçam afetividade, reflexão e prática pedagógica. As experiências compartilhadas demonstram que o aprender a ensinar ultrapassa os limites das plataformas digitais e dos muros escolares, configurando-se como um processo vivo, colaborativo e transformador. Nesse contexto, o diálogo entre universidade e escola se reafirma como caminho potente para a construção de saberes pedagógicos contextualizados e socialmente





comprometidos, carecendo de constante atenção para que a teoria e a prática caminhem juntas.

No limite, a partir desses relatos, torna-se possível compreender que o PIBID não apenas complementa a formação acadêmica, mas redefine o sentido da docência, inspirando práticas educativas mais sensíveis, críticas e inclusivas, elementos que serão aprofundados nas considerações finais a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências relatadas pelos pibidianos e por suas professoras supervisoras permitiu compreender o PIBID como um espaço de formação docente viva e dialógica, que ultrapassa as fronteiras entre teoria e prática, entre universidade e escola, entre a modalidade a distância e a presença cotidiana no ambiente educativo. O estudo evidenciou que o programa, ao articular o saber acadêmico e o fazer pedagógico, promove aprendizagens significativas que se constroem no encontro, no diálogo e na escuta sensível.

As vozes que emergiram da pesquisa revelam que o PIBID constitui-se como um território de pertencimento e construção identitária profissional, em que os pibidianos assumem gradualmente o papel de protagonistas do próprio processo formativo. A prática no contexto escolar, mediada pela orientação das supervisoras, possibilita o desenvolvimento de competências pedagógicas, socioemocionais e éticas, reafirmando o compromisso com uma educação mais humana e contextualizada. Do mesmo modo, as supervisoras se reconhecem aprendentes nesse processo, vivenciando o PIBID como oportunidade de reflexão sobre a própria prática e de renovação de sentidos para o exercício da docência.

A modalidade EaD, por sua vez, mostrou-se potente e legitimada no âmbito dessa experiência, desmistificando visões reducionistas que a associam a uma formação frágil. Ao contrário, as narrativas demonstram que a EaD potencializa a autonomia, a autorregulação e o engajamento crítico dos graduandos, que encontram no PIBID a possibilidade de materializar os conhecimentos adquiridos e de vivenciar concretamente o cotidiano da escola pública. Essa articulação reforça que o processo formativo não se limita ao espaço físico, mas se amplia por meio das interações humanas, tecnológicas e pedagógicas que o sustentam.

As experiências descritas apontam para a importância de políticas públicas de valorização da docência e de programas de iniciação à prática pedagógica, capazes de garantir não apenas a permanência dos estudantes nos cursos de licenciatura, mas também a qualidade e a sensibilidade ética dessa formação. Ademais, aperfeiçoar o olhar da coordenação para o





reforço de ações que estimulem iniciativas cada vez mais atentas às ações pedagógicas teórico-práticas, além da produção de ações mais sensíveis à precarização da escola pública são também caminhos a serem percorridos em nome do aperfeiçoamento da experiência coletiva que é se engajar no PIBID.

Conclui-se, portanto, que ultrapassar fronteiras é mais do que uma metáfora no contexto desta pesquisa: é reconhecer que a formação docente se dá no movimento, na partilha e na construção coletiva de saberes. O PIBID, aliado à EaD, demonstra que ensinar e aprender são atos contínuos de transformação do sujeito, da escola e da própria educação. As vozes aqui reunidas ecoam como testemunho de que a docência se tece na esperança e na ação, revelando-se como caminho de compromisso, sensibilidade e potência formativa.

REFERÊNCIAS

BISCARO, A. de F. V.; ARANDA, M. A. de M. Contribuições do PIBID na perspectiva dos licenciados egressos do Mato Grosso do Sul. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 16, n. 35, p. e765, 2024.

FERNANDES, B. V. M.; LIMA, C. C. PIBID na formação de professores: uma revisão sistemática. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 16, n. 35, p. e816, 2024.

MESQUITA, N. M. C.; QUILES, R. E. S. Educação especial e formação docente: experiências no PIBID do curso de Pedagogia/EaD da UFMS. **Teoria e Prática da Educação**, v. 19, n. 1, 2014.

GONDIM, J. P. PIBID-ARTE/UNIVASF: experiências de formação docente para “além do capital”. **Revista Inter-Ação**, v. 49, n. 2, p. 1278-1294, 2024.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programas, Projetos e Ações 2023 – Formação de Professores da Educação Básica e Educação a Distância-Pibid**. Relatório, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/transparencia> Acesso em 03 out. 2025.

